ANO I — N.º 29 — PREÇO: 1 ESC.
LISBOA, 4 DE DEZEMBRO DE 1941

**OS GRANDES VALORES NACIONAIS** — Mestre Viana da Mota, músico de renome internacional, professor, compositor e executante — grande em todos os aspectos da sua actividade.
(Foto do professor Campos Coelho)

# VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

# POLÍTICA do ATLÂNTICO

## Carlos Queiroz, Casais Monteiro, Gaspar Simões e Forjaz Trigueiros perante o Brasil literário

por Castro Soromenho

ENTRE os muitos escritores que, nos últimos tempos, se têm ocupado da literatura brasileira, escolhemos para responder nêste pequeno pequeno inquérito, aqueles que melhor souberam estreitar as relações luso-brasileiras, dando-lhes uma feição prática e impondo-se de tal maneira que escritores brasileiros se apressaram a reconhecer que os seus melhores críticos estavam em Portugal.

Os nomes de Carlos Queiroz, Casais Monteiro, João Gaspar Simões e Luís Forjaz Trigueiros representam os vários sectores da nossa crítica literária. Seus depoimentos revelam-nos sua posição perante o Brasil literário e o que pensam sôbre as relações culturais luso-brasileiras.

Casais Monteiro e Carlos Queiroz, com Castro Soromenho

**«PRECISAMOS DOS PORTUGUESES»**

Carlos Queiroz, o poeta do «Desaparecido», obra que o colocou num lugar de destaque na poesia contemporânea portuguesa, é, entre os nossos críticos, um dos que melhor soube ver e sentir a moderna literatura brasileira.

Dêle disse o grande romancista Erico Veríssimo, depois de ler um estudo crítico sôbre a sua obra: — é «o homem que melhor compreendeu as minhas criaturas».

— V. quere saber o que penso àcêrca das relações culturais luso-brasileiros... Isso é uma história longa!

— Queremos a sua opinião sôbre alguns aspectos — insistimos.

E o poeta Carlos Queiroz recorda:

— Vai para três anos, encontrei, casualmente, num jornal do Pôrto, um artigo transcrito do «Diário de São Paulo» e assinado por José Lins do Rêgo, sob o lisonjeiro título de «Precisamos dos portugueses». Quando cheguei ao fim, tive a ingenuidade de supor que as afirmações nele contidas iam ter alguma repercussão em tôda a Imprensa, grande e pequena, do País. — Qual? ! Caíram direitinhas naquele pôço sem fundo que todos nós, amargamente, conhecemos. Aquilo tinha lá importância comparável à da Volta a Portugal em bicicleta !... Pois se havia um nome de escritor brasileiro que fôsse familiar e simpático ao nosso público, sem dúvida que era o do romancista do «Banguê», da «Usina», da «Pureza» e da «Pedra Bonita».

Vale a pena, se há espaço para tanto, resumir o artigo, que tem uma actualidade de hoje mesmo. Começava Lins do Rêgo por confessar que a cultura da sua geração já não fôra feita à base dos clássicos portugueses, mas sim das obras de Eça, de Ramalho e de Junqueiro. Também eram muito lidos e admirados Camilo, Antero, Nobre e Fialho; porém, os três primeiros — a frase é dêle — «abafavam tudo». Nêsse tempo (e quantos portugueses terão conhecimento dêste espantoso grau de influência?) os romances de Eça estigmatizavam a vida social brasileira, tanto como a nossa. — «Falava-se como os seus heróis, fazia-se o uso do seu cepticismo como de elixir milagroso» — diz êle ainda. E mais: — «A gente não encontrava na rua um herói de Machado de Assis autêntico, como encontrávamos os pobres conselheiros, os fazedores de frases do autor de «Os Maias».

Não foi muito menor a notoriedade de Junqueiro, «a quem Bilac chegou a chamar Moisés, e que era o poeta mais popular do Brasil». E Lins do Rêgo acrescenta: — «Nesta época, ainda as edições portuguesas se vendiam por todos os lugares...» Depois, conta que em 1924 «a coisa já era outra: cada dia que se passava, mais ficava distante Portugal; nenhuma grande voz vinha de lá, com fôrça para nos prender ou nos embalar».

Só por volta de 23 é que chegou ao outro lado um éco deformado do movimento revolucionário do «Orfeu» (ou seja, oito anos depois da publicação da revista) e, mesmo assim, a um número tão restrito de pessoas, que o autor do artigo desabafa: — «O Brasil ignorava, completamente, tudo isto. Não havia fatório de intercâmbio que servisse para nos identificar com os portugueses da nova geração».

O resto do artigo é a justificação do seu título. Lins do Rêgo diz que o Brasil está muito longe de Portugal, e que muito perde com isso: — «Há uma riqueza dos poetas e dos escritores portugueses que também é nossa, que é património comum». E, já agora, transcreva-se a conclusão: — «Não é possível que o Brasil e Portugal se vejam tão longe, indiferentes, quando tantas coisas os confundem. Precisamos de sair dos tais intercâmbios de discursos e entrar naquela cooperação de que traçou planos Gilberto Freyre; porque os homens das gerações mais novas, de cá e de lá — como bem disse o mestre da «Casa-Grande & Senzala» — sabem que ao lado das pátrias políticas existe esta realidade inegável: a unidade cultural luso-brasileira, ou luso-afro-asiático-brasileira».

— O que me acaba de dizer, é uma face da medalha... E a outra?

— Os nossos motivos de queixa — de queixa abstracta, mas sentida — são idênticos. O conhecimento das obras dêsses escritores que têm dado à fisionomia cultural do Brasil uma expressão de viril e perturbante originalidade (Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Filipe de Oliveira, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Jorge Amado, Raquel de Queiroz, Adalgisa Nery, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Artur Ramos, Álvaro Lins e muitos outros poetas, romancistas, ensaístas e críticos), só é feito, pela maioria dos confrades dêste lado, tardia e parcialmente. A mim, por exemplo, não me foi dado admirar a obra percursora de Mário de Andrade senão há cinco anos e — claro —incompleta.

Hoje, ainda são possíveis coisas como esta: Gilberto Freyre fez, há mais de um ano, uma conferência no Brasil, incluída no ciclo das comemorações centenárias, a que deu o título de «Uma cultura ameaçada: — a luso-brasileira». Publicou-a, a seguir. O que nela diz, de interêsse para nós, tem, neste momento, uma importância capital. Pois bem: além dos exemplares que êle pôde oferecer, pessoalmente, a alguns amigos de Portugal, apenas chegaram dois, há um mês, a uma única livraria de Lisboa! Outro exemplo, ainda mais recente: — ¿Quem pôde folhear, entre nós, algum número dessas duas revistas de São Paulo, «Clima» e «Planalto», onde se afirmam e já despontam valores que merecem a nossa mais aberta curiosidade?

— De quem é a culpa?

— Não é fácil desfiar, em tão breve conversa, as causas complexas dêste divórcio: — a distância enorme, que o alto preço dos transportes agrava; a falta de interêsse, ou de melhor organização — das livrarias e das agências distribuidoras; a escassez das tiragens das edições (sobretudo dos livros de poesia, por via de regra editados pelos autores) e outras, menos concretas, mas de consequências igualmente nefastas. Simplifiquemos, ou generalizemos ,dizendo que a culpa tem sido de todos e de ninguém. De todos por causa de tudo, e de tudo por causa de todos, como diria Fernando Pessoa (cuja obra, diga-se de passagem, nem do público português é ainda conhecida, pela simples razão de continuar inédita)... O que mais importa, por agora, é acentuar que o que tem aparência de mútua incompreensão, não é mais, afinal, do que mútuo desconhecimento. Estavamos (e continuamos a estar) muito longe uns dos outros, e não sem algum prejuízo da forte simpatia, da atracção ingénita e latente que poucos têm sabido alimentar e raros se esforçam por desenvolver.

É verdade que os novos escritores portugueses e brasileiros se comunicam, de há tempos para cá, com certa assiduïdade, permutando os seus livros, as suas idéias, e até, as suas amizades. Também é verdade que algumas publicações periódicas inserem, com freqüência, colaboração literária, notas críticas e estudos consagrados às obras e personalidades dos escritores de ambos os países, sendo, neste capítulo, notável a acção desenvolvida pela «Revista do Brasil», dirigida por Octávio Tarquínio de Sousa, que habitualmente pública, em lugar de honra, as produções portuguesas

Mas isto, que já é alguma coisa, está longe de satisfazer, ou melhor: está longe de bastar. Era necessário, era já inadiável que os organismos competentes de ambos os Estados facultassem os meios para uma aproximação mais efectiva, mais prática do que platónica. O Acôrdo Cultural, firmado há pouco no Rio por António Ferro e Lourival Fontes, foi, como se sabe, redigido com essa finalidade. Se é prematuro calcular a extensão e a profundidade dos efeitos dêsse acôrdo, será pèssimismo descrer da sua eficiência.

Carlos Queiroz, que, embora poeta é homem prático, elucida-nos àcêrca do que devemos fazer.

— No campo das realizações práticas, comecemos por aguardar, serenamente, os resultados dêsse acôrdo, e de outros, oficiais ou não, que venham a fazer-se. Quanto à nossa posição, ou antes: quanto ao contributo da nossa acção individual (em artigos, conferências, exposições, palestras para a rádio, etc.), julgo que deverá caracterizá-lo um misto de entusiasmo, lealdade, bom senso e modéstia, donde possa nascer e prolongar-se uma compreensão mais ampla e mais prorunda. Impõe-se, por um lado, que purifiquemos a nossa faculdade de admirar, para que não se tornem inúteis, contraproducentes ou grotescas as nossas capacidades críticas. Por outro lado (e isto sem pretensão conselheiral), parece-me de tôda a conveniência lembrar aos mais novos que um estreitamento de relações culturais com os nossos amigos brasileiros não implica, de modo nenhum uma subalternidade ao «estilo» ou às características essenciais de ambas as literaturas; ou, por outras palavras, uma aberta (demasiado aberta) osmose de influências. Também podemos dizer que «precisamos dos brasileiros», mas sem

esquecermos que só se compreendem, admiram e estimam, verdadeiramente, os «diferentes». Mau vai quando um romance, um poema ou um ensaio, escritos em língua portuguesa, nos provocam dúvidas acêrca da nacionalidade do autor! Eles têm as suas fontes, o seu complexo racial, a sua paisagem, os seus problemas, a sua psicologia, o seu estilo de vida, os seus «tiques». Nós temos os os nossos. Será preciso ser mais claro? Resumindo: Não devemos, (nem poderíamos) ter a pretensão de voltar a ser a cabeça do Brasil. Mas que uma incontida verborreia, um desmedido orgulho, uma excessiva humildade ou um espanto de pacóvio não façam supôr ao mundo que não podemos ser mais do que um chapéu...

**«SÓ NOS INTERESSA UM INTERCÂMBIO VIVO»**

Casais Monteiro, poeta, ensaísta e crítico, um dos mais vigorosos escritores da língua portuguesa, diz-nos:

— Entre dois países numa situação como a do Brasil e de Portugal, há sempre duas formas de contacto: uma é a das chapeladas respeitosas, dos discursos

João Gaspar Simões

mais ou menos acedemicos, dos contactos aparatosos e... vazios; a outra, coitada, nasce de esforços individuais ou de colectividades não oficiais isto é, que em vez de falar muito no que hão-de fazer fazem o pouco que podem; é feita de trocas de livros, de esforços isolados de divulgação, de artigos nascidos ao sabor dum livro que se recebe, dum autor que se descobre do outro lado do Atlântico e que nos entusiasma. E contudo, tem sido esta a única forma de contacto de resultados apreciáveis, por limitadas que sejam as suas possibilidades. As relações pessoais não são nisto de pequena importância; pela parte que me toca, não posso esquecer a importância que teve para me abrir horizontes sôbre o Brasil o ter conhecido pessoalmente Ribeiro Couto. Mas, veja: nunca ninguém pensou, no Brasil, o que um homem como Ribeiro Couto podia fazer aqui: contudo, é um diplomata, nada mais fácil do que nomeá-lo para Lisboa. Mas mandam-se embaixadas de jarrões! Que importam elas ao conhecimento e ao contacto mútuo dos dois países? Que interêsse podem ter quaisquer jarrões no conhecimento do que é vivo num país irmão? Os jarrões, por definição, ornamentam. É para isso que de cá os mandam para lá, que de lá os mandam para cá.

Acho muito bem essa amável troca de jarrões; é preciso que as academias se divirtam para que elas a seus próprios olhos se julguem justificadas de existir. Mas isso não tem nada que ver com a obra séria que nos interessa a todos quantos, cá e lá, procuramos um autêntico contacto. Só nos interessa um intercâmbio vivo.

A única vez que solicitei um auxílio oficial, sabe o que sucedeu? Tinha eu pedido certas obras de poetas brasileiros modernos que não conseguira obter; mandei uma lista do que me faltava. Sabe o que aconteceu? Dos livros que pedi, recebi apenas um ou dois, dos que aliás menos me interessavam. Nenhum dos que eram para mim mais importantes. Em compensação, o director da repartição abordada por mim (repartição criada para funções exactamente da ordem que eu desejava) mandou-me todos os seus livros, mais os de uns poucos de poetas de cujo nome e existência já felizmente me esqueci. É assim, meu âmigo. O que eu conheço da literatura brasileira de hoje, deve-se a ofertas pessoais, directas ou indirectas. Já lhe falei em Ribeiro Couto; pois bem, quando eu gnorava tudo da moderna literatura do Brasil, foi êle, que estava então em Paris, quem me mandou os primeiros livros que li de Manuel Bandeira e de Drumond de Andrade. Tenho a certeza de que as coisas se têm passado idênticamente com todos quantos, entre nós, se têm ocupado dessa magnífica literatura contemporânea do Brasil. E o meu amigo sabe muito bem o que se deve à actividade de António Amorim, na Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, para a difusão da nossa literatura de hoje no Brasil. Sempre, sempre esforços pessoais! De modo que, quanto a mim, só haveria um caminho a seguir: apoiar os que têm alguma coisa a fazer.

**A INFLUÊNCIA DA LITERATURA BRASILEIRA NAS LETRAS PORTUGUESAS**

João Gaspar Simões ocupa na moderna literatura portuguesa, como ensaísta, crítico, novelista e romancista, um dos primeiros lugares. Os seus ensaios e críticas impuseram-no ràpidamente no nosso país e no Brasil.

José Lins do Rêgo escreveu, em 1939, no Anuário Brasileiro de Literatura: — «Há pouco li um livro de João Gaspar Simões, «Novos Temas», e um homem de pensamento, um homem cheio de nervos me apareceu, tratando de poesia e romance, como temas vitais, fazendo do ensaio uma criação».

E Jorge Amado, no «Vamos ler», disse-nos: — «João Gaspar Simões é hoje o nome de crítico português mais conhecido no Brasil».

É consolador para todos nós que escritores da categoria de Lins do Rêgo e Jorge Amado venham a público prestar justiça a um crítico que, arrostando com a maré-alta de despeitos de tôda a ordem, procurou, dentro do seu processo crítico, dar novos rumos à nossa crítica literária, durante largos anos entregue ao sabor de conveniências pessoais. Por muito discutida que seja a sua obra, o que prova que ela é, por si só, um autêntico valor, não restam dúvidas que Gaspar Simões foi, com José Régio e Casais Monteiro, o ensaísta e crítico que reabilitou a crítica literária portuguesa. Êste alto serviço lhe deve a nossa literatura.

— Data de há muito o seu interêsse pela literatura brasileira?

— Sim, de há já alguns anos. Lembro-me que foi em Coimbra, ao ouvir uma conferência de Cecília Meireles acêrca da moderna poesia brasileira, que eu senti pela primeira vez a riqueza dessa literatura. Evidentemente, que já conhecia um ou outro autor brasileiro. Lera muito Coelho Neto, um romancista como há poucos por cá, Graça Aranha, Monteiro Lobato, etc. Machado de Assis fascinara-me. Foi José Régio quem me emprestou o «Quincas Borba». Tão grande foi o meu entusiasmo por êste livro que nunca o restitui ao seu dono..., que se viu obrigado a oferecer-mo.

— E foi então que começou a escrever sôbre autores brasileiros?

— Não. Só mais tarde. Em todo caso, a revista «Presença», que Régio, Casais Monteiro e eu dirijimos, principiou cedo a dar atenção às letras do Brasil. Publicámos poemas de autores modernos brasileiros. Editámos mesmo um livro de Ribeiro Couto, «Província». e um estudo acêrca dêste poeta, da autoria de Adolfo Casais Monteiro. O meu primeiro artigo sôbre literatura brasileira data, porém, de Lisboa. Foi no «Diário de Lisboa», onde fiz crítica literária alguns anos, como sabe, que eu tive ocasião de escrever as minhas primeiras considerações sôbre as letras brasileiras. Se não me engano, foi José Lins do Rêgo o primeiro autor que estudei.

Explica-se: só então principiei a receber livros do Brasil com uma certa regularidade. Nunca será demais lembrar o papel que a Sociedade Luso-Africana desempenhou na divulgação, entre nós, das obras brasileiras. António Amorim e o Dr. Nuno Simões fôram os meus verdadeiros iniciadores no intercâmbio luso-brasileiro.

— A sua colaboração na imprensa brasileira?

— Escrevi para o suplemento literário de «O Jornal» e na «Revista do Brasil». Muitos outros jornais brasileiros têm transcrito artigos meus: o «D. Casmurro», «Diário de Notícias», etc. Mantive, mesmo, uma colaboração regular no suplemento de «O Jornal» durante quási dois anos. Dificuldades de comunicações, porém, e sobretudo os maus ofícios de um intermediário, pouco zeloso, obrigaram-me a suspender essa colaboração.

— Que me diz acêrca de uma possível influência da literatura brasileira nas letras portuguesas?

— Parece-me que há hoje uma certa corrente de jovens escritores portugueses voltada de corpo e alma aos autores do Brasil. Lins do Rêgo, Jorge Amado, Veríssimo, etc., são hoje lidos entre nós com verdadeira paixão.

— Mas considera essa influência benéfica?

— A resposta é delicada: não sei. Isto é: eu próprio já defendi o ponto de vista segundo o qual o lirismo de certo romance brasileiro poderia apontar um caminho ao nosso desorientado romance. Receio porém, que a influência de certos romancistas brasileiros modernos seja demasiado absorvente. Como sabe, confunde-se muitas vezes imitação com influência. A influência pode ser benéfica. A imitação é sempre prejudicial. Afigura-se-me que, por emquanto, entre nós os autores brasileiros são mais imitados do que seguidos. É possível, no entanto, que essa imitação se venha um

Luiz Forjaz Trigueiros

dia a transformar em influência. Então o caso mudará de figura.

— Qual lhe parece o melhor meio de auxiliar o intercâmbio?

— Começando pelo princípio, isto é, pela divulgação em Portugal dos melhores autores brasileiros e pela difusão no Brasil dos melhores autores portugueses. Como vê, os livreiros podem ter nisso um grande papel. Sem livros acessíveis, não há intercâmbio que valha. É preciso, pois, que os livreiros tomem a sério o seu papel. Os nossos parece começarem agora a despertar. Durante anos esqueceram de todo que o Brasil é um país de língua portuguesa, um imenso país onde as nossas edições poderão vir a ter uma expansão que o nosso pequeno mercado jàmais consentia. Apar dos livros, seria bom que se trocassem também os autores. Conferências no Brasil por autores portugueses, conferências em Portugal por autores brasileiros... Quererá melhor maneira de nos conhecermos uns aos outros? Cuidado, porém; o Brasil é um país vivo, não gosta de múmias...

**«O ATLÂNTICO NÃO É UM MAR QUE NOS SEPARA MAS UMA PONTE QUE NOS UNE»**

Luiz Forjaz Trigueiros, escritor e jornalista, o mais novo dos nossos críticos literários, diz-nos:,

— Foi Ribeiro Couto quem me desvendou o segrêdo da poesia brasileira moderna Mas a predisposição para senti-la estava já em mim.

— E a sua actuação como crítico?

— Comecei a escrever tentativas de interpretações de escritores brasileiros, especialmente modernos. Graciliano Ramos, Jorge de Lima, José Lins do Rêgo, Manuel Bandeira, Erico Veríssimo e Jorge Amado — eis os autores que leio com mais gôsto e de que falo com mais prazer. Mas — Você sabe-o melhor do que eu — a literatura brasileira de hoje é um mundo. Um mundo desperto para o Mundo. De escritores portugueses ocupei-me desde logo em jornais brasileiros. Publiquei — e publico ainda com freqüência — crónicas literárias no «Dom Casmurro», na «Esfera», na «Revista do Brasil». A parte essencial do meu livro «Capital do Espírito», publiquei-a primeiro nos «Diários Associados», há quatro anos. Como é sabido, os escritores e os poetas brasileiros caminham ao encontro dos seus camaradas portugueses com aquela faculdade de simpatia e de compreensão que é uma das características das suas obras. Sempre pensei, porém, que esta simpatia e esta compreensão, representando esforços isolados de parte a parte, encontrariam um dia nas esferas oficiais dos dois países, aquela expressão concreta que lhes asseguraria eficácia prática e definitiva...

— Que pensa sôbre o Acôrdo Cultural Luso-Brasileiro?

— Considero o Acôrdo como um passo de extraordinário alcance espiritual da aproximação intelectual luso-brasileira. Êsse acôrdo tem a marca e o espírito de António Ferro, quere dizer, é simultâneamente, uma obra de inteligência e de acção. O Dr. Lourival Fontes, soube, aliás, compreender a projecção histórica do facto promovendo que a assinatura do Acôrdo se fizesse no Palácio do Catete e na presença de Getúlio Vargas. Nêsse momento, já hoje histórico, a política espiritual do Atlântico, teve a mais alta consagração oficial.

Forjaz Trigueiros concretiza:

— A nossa maioridade intelectual só tem a ganhar com o convívio freqüente dessa pujante e magnífica juventude literária do Brasil. Veja: em Portugal há cada vez menos romancistas. No Brasil, são raros os escritores de tendência crítica. Trata-se, pois, dum caso de mocidade, de frescura. Nós temos oito séculos de História e hoje gostamos mais do pensamento reflectido que da criação sofrida.

Os escritores brasileiros modernos estão hoje na frase própria em que podem comungar com os seus irmãos portugueses numa inter-penetração fecunda e essencial. Que os dois governos o tenham compreendido e tenham tornado possível essa comunhão, eis o que se me afigura altamente significativo. Hoje, mais do que nunca, vejo confirmado com alegria a frase com que fechei um artigo que publiquei há meses num jornal do Brasil: «O Atlântico não é um mar que nos separa, mas uma ponte que nos une».

# IMAGENS DA INDIA

COSTUMES ESTRANHOS DO POVO INDU: Uma mulher morta em Calcutá é colocada sôbre a pilha de madeira ritual, pronta para a cremação que vai ser feita.

**À ESQUERDA:** Em cima — O Parlamento índio de Punjab, que coopera com a Inglaterra. Em baixo: Uma casa de jantar aristocrática, com as suas mesas individuais e os seus bancos rentes ao chão. Não são precisos talheres, porque os convivas servem-se dos dedos para comer. À direita: Um velho, pai de onze rapazes (as raparigas na India não contam) junto dos filhos. O mais velho tem 62 anos e o mais novo tem quatro.

**RAPARIGAS DO COLÉGIO DE MYSORE,** descalças e vestidas de compridas túnicas fazem os estudos correspondentes aos das nossas universidades.

# CALÇADA DA GLÓRIA

### SINFONIA DE ABERTURA

*A propósito da nota publicada no penúltimo número da Calçada da Glória, sob a epígrafe de Pão de ló recebemos do sr. dr. Fernando Tavares de Carvalho, ilustre notário e deputado da nação, um comunicado em que se esclarecem certos aspectos suscitados naquela nota e que, no fundo, não lhe dizem respeito só a êle, mas a muitos dos seus colegas.*

*«As verbas que figuram no «Boletim do Ministério de Justiça» — diz o sr. dr. Tavares de Carvalho — não representam as quantias em dinheiro que entram efectivamente no bôlso dos notários, mas sim a lotação emolumentar dos últimos três anos, quere dizer, a média, em relação a êsse tempo, de certas receitas ilíquidas auferidas por êsses notários. Ora como destas saem, não só os descontos reservados ao Estado, como também tôdas as despesas inerentes ao funcionamento do cartório, é evidente que tais verbas, sendo embora receita, não são, todavia, lucro.»*

*«No ano de 1940, por exemplo, a totalidade dos emolumentos recebidos no meu cartório foi de Esc. 283.243$30: desta verba paguei para o Cofre e para a Caixa de Aposentações dos Conservadores, Notários e Funcionários de Justiça, a quantia de Esc. 76.947$$92 e paguei de contribuição industrial a quantia de Esc. 42.768$19. Feitos estes descontos, restou-me a quantia de Esc. 163.527$19 , que junta à quantia de Esc. 48.272$40, importância dos emolumentos cobrados por serviços de expediente, perfaz um total ilíquido de Esc. 211.799$59. Desta verba sai normalmente o numerário suficiente para pagamento dos ordenados dos meus empregados, das despesas de água, luz, renda, impressos, etc. É pouco? É muito? Seja como fôr, a verdade é que, naquelas rubricas, tive um desembôlso superior a Esc. 170.000$00! Façam-se agora as contas e veja-se quanto me ficou para os meus gastos domésticos».*

*«Dito isto, pergunto-lhe, sr. dr. Luís de Oliveira Guimarães: quere trocar? Estou às suas ordens. Não sei se lhe sorri vir a ser notário; mas eu passarei de bom grado a exercer as suas funções. Ao menos, sempre saberei com o que posso contar no fim de cada mês e ainda me sobrará o tempo para ser autor teatral e jornalista. E não se arreceie de aceitar a minha proposta, porque, se trocarmos as nossas actividades, não irei para os jornais dizer quanto V. ganha».*

Não obstante o expôsto há, de-certo, quem continue a considerar determinados lugares de notário, verdadeiros Pães de ló embora com muito menos açúcar do que seria para desejar — *segundo certos notários...*

### VENDAVAL

O Teatro *D. Maria* incluiu, entre as peças da sua actual temporada, uma obra de Virgínia Vitorino intitulada *Vendaval*.

Certamente vai pagar-se, com o preço do bilhete, o sêlo do ciclone!

### UMA QUADRA DE JUNQUEIRO

*Ó águias para sofrerdes*
*Do Sol o rúbro clarão,*
*Deveis pôr lunetas verdes*
*Como o meu tabelião.*

## QUAL É COISA QUAL É ELA?

Zeco

Que idade tem a Palmira?
Ninguém o sabe dizer.
E a gente pensa e delira
E morre por querer saber.

Dizem uns: — «Tem trinta e quatro!»
E outros: — «Tem cento e tal...
É mais velha que o teatro
Chamado Nacional...»

Diz um tipo, com vaidade,
— Tipo Luiz XVI —
— «Temos a mesma idade
Deve ter uns vinte e seis!»

— «Vinte e seis? Há confusão,
(Grita um sujeito), olá!
No tempo do Pai Adão
Já ela andava por cá!»

Que idade terá, no fundo,
A Palmira? Não se sabe.
O fundo é sempre profundo
Quando o nariz lá não cabe.

Cá por mim, ao vê-la airosa,
Tão fresca, alegre e louçã,
Penso que ela é uma rosa
Que abrisse cada manhã!

### XAVIER DE MAGALHÃES E A COZINHA

PERGUNTEI, uma tarde, a Xavier de Magalhães qual era o seu prato favorito. Respondeu-me:

— Tanto aprecio uma modesta sardinha assada com pimentos como um opulento faisão trufado. O que vem morre — pela segunda vez. A qualquer hora podem pôr a mesa. Há quem diga que comer à noite faz mal. Não acredito. O estômago não tem relógio. Além disso, a sua função é exclusivamente recreativa...

### HOMENS PÚBLICOS

LI ontem êste conceito do Vinet que me parece definitivo: — «Em política, tudo aconselha a que se não governe demasiadamente.»

### RAMADA, HEPÁTICO

ESTEVE retido em casa com uma crise de fígado o nosso amigo Ramada Curto, espírito que sempre julgamos permanentemente jovial. Pois não o supunhamos com maus fígados, não senhor!

### EMPRÊGO DE TEMPO

O nosso colega José Ribeiro dos Santos encontrou, uma tarde destas, um seu vélho companheiro de escola — que já não via há quinze anos. Estreitaram-se, claro, num abraço.

— Então que tens feito? — preguntou-lhe, numa natural e ansiosa curiosidade, José Ribeiro.

Logo o amigo, com a maior simplicidade:

— Olha: fui agora comprar um bilhete para ir logo à noite ao *Tivoli*...

E era tudo quanto tinha feito em quinze anos!

### GIGA-JOGA

OS jornais noticiaram que o jornalista Mário Pires ia abandonar o jornalismo para se dedicar exclusivamente a escrever peças. Por outro lado dizem-nos que um dos nossos mais representados actores vai deixar o teatro para se entregar abertamente ao jornalismo.

Se êste precedente pega, dentro em pouco, nem o jornalismo pode contar com o teatro — nem o teatro com o jornalismo.

### AURA

ENCONTRAMOS ontem na Rua do Ouro a conhecida artista Aura Abranches. Conversámos. Nisto, passa António Botto que comenta:

— Hoje é que é autênticamente a Rua... Áurea...

### UMA REVISTA

NO Parque Mayer, o *Variedades* dá-nos uma *Espera de toiros*; o *Maria Vitória* apresenta-nos uma «faena» *Manda Ventarolas*. Pois bem. Para o *Campo Pequeno* anuncia-se uma próxima revista-feérie: *Nos cornos da lua!*

### UM PENSAMENTO

ESTREOU-SE, há pouco, no Avenida uma nova artista, por sinal muito interessante, chamada Eunice Colbert. Uma noite destas ela entrou no camarim de Erico Braga. Êste piscou-lhe o ôlho e logo acrescentou:

— *Eunice soit qui mal y pense!*

### NOTAS MUNDANAS

Comprou um chapéu de inverno a sr.ª D. Maria Archer.

— Chegou de Monfortinho o nosso colega de imprensa e noticiarista teatral Jaime Graça. Vem o menos Jaime possível e traz mais Graça do que nunca.

— Esteve, há dias, na pousada Conde, em Colares, com sua espôsa, o nosso amigo Leal da Câmara. Ia com tenções de almoçar mas não o pôde fazer por falta de víveres para tanta gente — segundo lhe teria sido dito, à entrada.

— Henri Bernstein, o célebre dramaturgo, vai traduzir para francês, a peça *Israel* do nosso querido camarada Norberto Lopes.

— Anuncia-se para breve o casamento do moço escritor Luiz Forjaz Trigueiros. Fazemos votos para que as preocupações do seu novo estado lhe atenuem as crises melancólicas.

Luis d'Oliveira Guimarães

# na Fonte Boa

# Um dia de festa na Estação Zootecnico Nacional

POR INICIATIVA DO S. P. N. efectuou-se há dias uma visita de jornalistas estrangeiros e portugueses à Estação Zootécnica Nacional, na Fonte Boa, onde lhes foi prestada brilhante recepção. Efectuou-se uma curiosa festa regional e foi-lhes oferecido um almôço de ementa caracteristicamente ribatejana. Damos nesta página alguns aspectos da visita. De cima para baixo, e da esquerda para a direita: Os jornalistas recebidos na Estação Zootécnica por uma guarda de honra de campinos; moças e moços da terra cantando junto do mais novo cavaleiro da E. Z. N.; o grupo da apanha da azeitona; um baile regional; e um grupo de jornalistas estrangeiros.

panorama internacional

# "TANKS" NO DESERTO

por Francisco Velloso

A guerra veio polarizar-se na frente oriental diante de Moscovo e nos desertos líbicos ao sul de Tobruk. Como, ao invez das outras, é agora a evolução dos acontecimentos políticos que obedece à dos sucessos militares, essa polarização concretiza, enquanto as batalhas não se desatam, a mesma incerteza, a mesma flutuação que, sobretudo desde a entrevista do *Potomac*, está a notar-se no panorama internacional.

A batalha da Rússia prende a Alemanha, a da Líbia prende agora todo o Ocidente pois que o dominará sempre quem vencer o Mediterrâneo. Os planos germânicos de dominação económica da Europa, como os inglêses de tolher e começar a mal-ferir a estrutura alemã, parecem ter entrado em lazareto.

**HÁ 34 ANOS**

POINCARÉ

Não há-de ser anotada entre as menos interessantes desta guerra, sob o seu aspecto psicológico, e no estudo das repercussões dos actos militares sôbre a evolução dos sucessos políticos, a impressão causada pela revolução que se operou na arte e ciência de guerrear.

Em 1915, Afonso Seché, o estranho autor dêsse livro *As guerras Infernais*, que siderou como relâmpago na crassa atmosfera dos alarmes provocados pela impreparação militar da França em 1914 — repetindo aliás uma opinião do genial Liautey — escrevia: «A guerra futura estará nos ares e sob os mares. Momento virá em que as máquinas voadoras ficarão no ar dias inteiros. Poderão sem dificuldade passar dum continente a outro. Passarão de engenhos de combate a meios de invasão. Os mastodontes chamados *dreadnoughts* ou *super-dreadnoughts* desaparecerão. A sua relativa vulnerabilidade condena êsses monstros a ceder lugar a engenhos mais móveis. Nenhuma batalha naval haverá sem que as frotas aéreas participem. Aviões, navios e submarinos serão os instrumentos comuns duma acção».

E quando o inventor do famoso canhão 75, o general Percin, o defensor infeliz de Mauberge submerso pela avalanche teutónica de Von Kluk, publicou sôbre a guerra de combate concepções que razavam pela rotina, Seché insistia com uma visão que se ejaculava como poderoso feixe de luz a rasgar, devassadoramente, na prolação do tempo, o espaço intecorrente de trinta e quatro anos: «Posso apostar que as guerras futuras multiplicarão as armas mecânicas. Às cargas de cavalaria, porque não hão-de suceder as cargas de máquinas-soldados? Vejo perfeitamente centenas de automóveis, de todos os tamanhos, de tôdas as formas, cobertos de aço, armados de metralhadoras e de canhões de calibres diversos, descendo colinas, cortando campos de lavoura e precipitando-se, com fragor do inferno, contra um conjunto de veículos semelhantes, vindos ao seu encontro. O auto-canhão blindado, eis o cavaleiro blindado do século XX».

Não tratava Seché de jogar no tabuleiro dos progressos materiais da civilização o dado das antevisões à Júlio Verne, mas de criticar, em expressões de contundência quási apocalíptica, essa mesma desordem dos políticos e do estado-maior francês que se repetiu como ataxia fatal, em 1939.

Quando a gente se põe a lembrar dêsses tempos de 1914 e de 1941 — datas com iguais algarismos — quási descremos da lucidez do pensamento humano. Conta Poincaré em suas *Memórias*, reportando-se a 28 de Março de 1918 (vol. X, pág. 94) que «Loucheur veio muito descontente de Pétain a quem há dias encontrara sucumbido e lhe dissera: «É preciso entabular conversações para a paz». Loucheur foi consultar Foch, com quem há muito tem relações, e que lhe respondeu: «*C'est de la folie, nous en avons connu d'autres...*» Era na altura da grande ofensiva de Ludendorf cujo método de ataques em massa, por marteladas ciclópicas, os generais alemães estão reproduzindo na actual campanha da Rússia. O general Wilson, chefe do estado-maior inglês, também opinava pelo retôrno do exército britânico às ilhas, mas para continuar a guerra com inglêses e americanos. A França um mês depois topava, porém, na escuridão do perigo, a mão de Foch — e a vitória.

E a diferença dêsses dias para os de hoje medeia-a o facto de que um secretário *commis-voyageur* de Laval, chamado Baudouin, que sôbre a cascalheira da derrota do seu país traído apenas sabia concluir que tudo fôra uma «grande surprêsa», era ministro dos negócios estrangeiros em Vichy *pour la débâcle* — enquanto debaixo da terra os ossos de Clemenceau estremeciam de encontro às tábuas do caixão, num pobre cemitério da sua Bretanha invadida.

**UMA DEMONSTRAÇÃO NA LÍBIA**

AUCHINLECK

Veio tudo isto à colação da actual ofensiva que os inglêses desencadearam na Líbia no dia 19. Na data em que redigimos êste apontamento, folheia-se no calendário o nono dia da batalha. No curto espaço dum quadrilátero traçado à margem da costa, trava-se e retrava-se uma demonstração daquela guerra que manteou como pesadelo as visões de Seché, sòmente aberta em campo mais resumido que o enorme da frente russa.

Há dias, um cronista *in loco* comparava-a à guerra de monstros antidiluvianos, e outro junto do 8.º exército britânico descrevia: «Por tôda a parte há uma grande confusão de alemães, italianos e inglêses. Veículos perdidos e até combóios completos correm em tôdas as direcções pelo deserto». Isto é que Seché não vislumbrou.

Wavell derrotou Graziani em *raids* coloniais. O general Cunningham diante dum técnico de carros, como Romel, faz a guerra mecanizada. E a batalha prolonga-se. Onde havia frentes contínuas que se amolgavam e quebravam aos pedaços, há agora o que se chama ofensiva em profundidade: — grupos dispersos que ficam para trás dos avanços, como fortalezas apetrechadas para cercos. Enquanto estas não são vencidas e subjugadas, a batalha continua, as formações refazem-se, os meios de sustentação reorganizam-se. Anuncia-se: — são só mais três dias. E são mais cinco, mais oito. Só paralizados os *tanks* inimigos, a infantaria, a grande arma do heroismo homem a homem, pode agir plenamente.

Por tudo isto, a batalha da Líbia é enervante, de desfazer nervos de aço.

Muita gente ainda duvida de que a resistência dos russos seja de facto real e efectiva, e mal acredita em quão ingente é o desgaste do grande exército russo e do incomparável exército que o Estado-Maior alemão faz entrar na forja em braza dos assaltos. Pois vejam êsses duvidosos. Romel resiste como os russos. E Cunningham e Auchinlek atacam como Hitler. É de imaginar agora, pelo exemplo suscitado no norte de África, o que esteja a passar-se diante de Moscovo, o que se passa na Rússia desde 22 de Junho.

**O FEITIÇO**

ROMMEL

Quando a temperatura de dezenas de graus abaixo de zero enrijeceu os gelos, eis que, após curta acalmia, que aliás os telegramas do *front* mal deixam entrever, Hitler retoma o ímpeto anterior — mais gente, mais carros, mais canhões, mais fúria — e lança-se sôbre a capital czarista. Li, algures, de um especialista nestas coisas bélicas, transcrito em correspondência de Berlim para uma gazeta espanhola cujo nome não vem ao caso porque tôdas estampam quási de chapa os mesmos artigos, que o *Führer* busca sôbre a capital o curso superior do Don e no sul sôbre Rostov o inferior do mesmo rio. Mas ou cegos andamos, nós os leigos, ou o esfôrço hitleriano continua a visar preferentemente a cidade do Kremlim, que parece feitiço de seus olhos e ambições. Ou Moscovo ou nada. E bem que em tôda a frente se peleje à brava, nunca mais acaba aquele inferno.

Vem pois, a perguntar-se a que visa tamanho empenho alemão, se afinal ninguém se apercebe de como, vai para seis meses, se chega à estabilização indispensável da formidável batalha, e sem ela, não se pode prever o desenvolvimento das operações políticas — dado para mais, o desgaste que necessàriamente ela causa, sangrando a fundo os dois contendores, e mais sendo visível que a resistência moscovita se condense tanto melhor, quanto mais perto estejam os meios de comunicação.

**PARADA GERAL**

RIBBENTROP

Ora, êste colossal choque de fôrças atrasa os planos políticos e económicos. Prenunciou-se a *Nova Ordem*, e no dia 24 procedeu-se, em Berlim, diante de Ribbentrop apenas, a uma ratificação do *Pacto Anti-Kommintern*, que em 1936, a 25 de Novembro, foi celebrado entre a Alemanha e o Japão, e ao qual um ano depois aderiram a Itália, a Manchúria, a Hungria e a Espanha. Agora firmaram o Pacto mais a Finlândia, a Roménia, a Bulgária, a Croácia, a Eslováquia, a Dinamarca e o govêrno chinês e pró-nipónico de Nanquim.

Êste quinto aniversário do Pacto, que andou obscurecido enquanto subsistiu a amizade russo-germânica, e ressurgiu pintado de fresco quando ela acabou, serviu claramente para alinhar em parada os países do *Bloco Alemão*, aqueles com que Hitler de facto conta para a continuação da guerra. Êles formam no Mundo o núcleo teutónico. A presença do ministro de Franco é a presença da Espanha, sem a menor dúvida.

A êsse núcleo não se agregaram porém, a França, a Holanda, a Bélgica, a Noruega, a Jugoeslávia e a Grécia, pelos seus govêrnos e *quislings*, ratificando o Pacto. E uma interrogação fica a pairar sôbre tal exclusão. A França, por exemplo, também deu uma legião para a frente leste, e é conhecido o afã dos chefes de Vichy por se unirem a Berlim, fechando o tratado em suspenso. Pode admitir-se — como aventam em Londres — que Hitler intente captar mais o Japão por sua banda na altura em que estão reatadas as negociações de Tóquio com Washington, por iniciativa japonesa — as quais se davam há dias quási malogradas por os Estados Unidos exigirem ao Japão o abandono da campanha na China. O problema continua, porém, em aberto, mormente quando Von Papen e Seiss-Inquart acabam de anunciar o grande gesto de Hitler propondo a suspensão de armas para o que na Wilhelmstrasse se chama a reorganização da Europa sob os signos da *Nova Ordem* — cuja dificuldade Ribbentrop, aliás, não escondeu no seu discurso de 25 — e nesta terão de entrar os países dominados. Seiss-Inquart já disse, referindo-se especialmente à Holanda e à Bélgica, que a camaradagem

(Continua na pág. 16)

# HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

## capítulo II * A campanha da Polónia

### 2

### A GUERRA RELÂMPAGO

A campanha da Polónia ia fornecer aos exércitos alemães a possibilidade duma vitória rápida e esmagadora. Estavam, para isso, criadas tôdas as condições: condições políticas e condições militares. Os polacos não podiam esperar qualquer auxílio dos seus aliados do ocidente. A preparação política da guerra conduziu, ao fim de quinze dias, a um resultado paradoxal: em vez de assistir ao espectáculo clássico duma Alemanha obrigada a bater-se em duas frentes, o mundo viu a Polónia atacada simultâneamente, a leste e a oeste, por dois países aliados: o Reich nacional-socialista e a Rússia comunista. Quando das partilhas do território da sua pátria no século XVIII, os polacos costumavam dizer: «A França está muito longe e o céu está muito alto». Em 1939 o auxílio que tinham o direito de esperar, não lhes chegou nem da França, remetida a uma concepção de defensiva obstinada, nem do céu, onde não surgiu uma única esquadrilha franco-britânica.

O Estado-Maior alemão executou, com uma perícia notável, as suas concepções tradicionais. Impôs ao inimigo uma guerra de movimento, sem soluções de continuidade ou diversões, e realizou-a, com uma rapidez fulminante, graças à aplicação dos seus métodos recentes: emprêgo simultâneo e combinado da aviação de bombardeamento e dos engenhos blindados e motorizados. A superioridade esmagadora que se assegurara, desde a primeira hora, em efectivos e em material completou ràpidamente a tarefa que os homens de Estado alemães haviam preparado.

O marechal Smigly Rydz comandante dos exércitos polacos

As condições geográficas da Polónia, sem defesas naturais e sem obras de fortificação de vulto, a mobilização lenta do exército polaco, a inferioridade do seu comando e a impreparação dos seus quadros para as características de luta que lhe impuseram, traduziram-se, no terreno da batalha, por uma derrota que assumiu aspectos característicos. Iniciada no primeiro dia de Setembro de 1939, a campanha da Polónia, conduzida segundo os processos anunciados da guerra relâmpago, estava terminada no último dia daquêle mês com uma vitória espectaculosa dos alemães.

Mapa da Polónia com as fronteiras estabelecidas pelo tratado de Versalhes

### O CÊRCO PRÉVIO

Quando se iniciaram as hostilidades, a parte ocidental do território polaco encontrava-se, pràticamente, cercada.

Os alemães, sòlidamente instalados, ao norte na Prússia Oriental, ao sul na Eslováquia, tinham as alas do seu dispositivo de ataque perfeitamente asseguradas. A sua ofensiva podia desencadear-se com tôdas as probabilidades de êxito. Os Estados neutros que guarneciam uma parte importante da fronteira polaca (Hungria, Roménia, Lituânia, Letónia) não podiam nem queriam fornecer-lhe qualquer auxílio. A leste, a Rússia mantinha-se numa posição ambígua que nada de bom pressagiava. Nessas condições, o Estado-Maior polaco resolveu jogar a sorte do país concentrando contra os exércitos alemães tôdas as fôrças de que dispunham. A guarda da fronteira oriental ficou confiada a simples destacamentos que em tempos normais tinham a missão de assegurar a ordem no interior do país. As forti-

Uma carga da famosa cavalaria polaca

ficações que podiam opôr alguma resistência ao avanço impetuoso dos atacantes ou eram muito antigas ou estavam incompletas.

Além dos fortes costeiros de Hela e de Westerplatte, eram as fortalezas de Mlava, Nicolaï, Grudziasds, a linha fortificada ao longo do Sicratz e a cortina de fortificações, construída no tempo da dominação czarista, que podia fixar a ofensiva inimiga nos cursos do Narev, do Bug e do San.

A planície polaca é um terreno propício à invasão. As altitudes máximas (213 m. em Lods. 86 m. em Varsóvia, 600 m. em Lysa Gorn) são insignificantes sob o ponto de vista estratégico. A existência duma rêde fluvial apertada era um obstáculo que fàcilmente puderam remover as tropas especializadas do Reich, cujos pelotões de pontoneiros tinham sido sujeitos a um treino particularmente intenso e apropriado. A estação do ano em que a ofensiva foi desencadeada não permitia qualquer socorro da lama, que tanto prejudicou os generais de Napoleão e a que êste chamava o quarto elemento.

**OS EFECTIVOS E O MATERIAL**

Ainda hoje não é possível dizer, com exactidão, quais as massas de tropas concentradas dum e doutro lado, no início da campanha. Enquanto o chanceler Hitler, no seu discurso de 6 de Outubro, em que resumiu a marcha das operações, calculou que os polacos dispunham de 50 divisões, as autoridades de Varsóvia calculam que os seus efetivos não excediam 31 divisões de infantaria, 1 divisão de cavalaria e 12 brigadas de cavalaria autónoma. Destas, 9 divisões de infantaria constituíam as reservas gerais concentradas ao sul da posição central do exército polaco. Os alemães dispunham de 70 divisões de infantaria, 5 divisões blindadas e 9 divisões motorizadas. As fôrças aéreas da Polónia não iam além de 600 aparelhos, a maior parte dos quais eram de modelos antiquados. Os alemães puseram em acção dois exércitos aéreos com um total de 2.000 aparelhos. A desproporção de efectivos era ainda agravada pela desproporção dos meios materiais de que os adversários se serviam. Os engenhos blindados, a artilharia do Reich, bem com a sua aviação de bombardeamento, impuseram-se desde o início da luta.

O general alemão Von List, comandante do exército que cobriu a fronteira polaco-romena

A invasão da Polónia foi realizada ao longo de quatro linhas principais: 1) de leste para oeste, através do Corredor polaco, com o objectivo de isolar completamente o país do mar; 2) de norte para sul, a partir da Prússia Oriental; 3) do sul para o norte a partir da Eslováquia; 4) em direcção a Lodz, com o objectivo imediato de ocupar a vasta bacia mineira de Czestochova. Desde o primeiro dia êste plano de batalha tomou amplitude e revelou-se nitidamente. Para se opor à sua execução os polacos dividiram as suas fôrças em três grupos: a da Pomerelia, com o objectivo de assegurar a defesa do Corredor; o da Posnania, concentrado no saliente de Posen; o da Alta Silésia, que ocupou o quadrilátero estratégico que penetrava em território alemão e constituía a única ameaça séria para os atacantes.

A táctica alemã não visava tanto a ocupação do território como o aniquilamento, por cêrco, das fôrças polacas que se opunham à invasão. Êste objectivo foi, no decurso de poucas semanas, plenamente realizado.

**A SUPERIORIDADE AÉREA**

A arma aérea alemã dominou os ares desde o primeiro dia das operações. A superioridade esmagadora do seu material aeronáutico e a perícia do seu pessoal asseguraram para o Reich um elemento essencial para a decisão da luta. A aviação alemã, tendo varrido o adversário do céu polaco, pôde, à vontade, bombardear os centros vitais de resistência, cidades, estradas, vias férreas, comprometer a mobilização polaca e prejudicar gravemente o sistema de abastecimentos e transportes da população.

A campanha da Polónia pode, sob o ponto de vista militar, dividir-se em duas partes: na primeira a ofensiva alemã penetrou nas zonas ocidentais do país, obrigou o exército inimigo a uma defensiva e a um recuo sistemáticos e desmoralizou, pela acção contínua dos bombardeamentos aéreos, os habitantes. Quando ela terminou, as fôrças militares polacas organizadas que restavam tinham recuado até à linha estratégica Narev-Bug-Vistula-Dniester e procuravam reagrupar-se. A segunda parte da campanha iniciou-se com a entrada das tropas russas em território polaco (17 de Setembro). A partir dêsse momento, a resistência revelou-se inútil e as fôrças polacas procuraram salvar-se, refugiando-se nos países vizinhos, ou entregando-se.

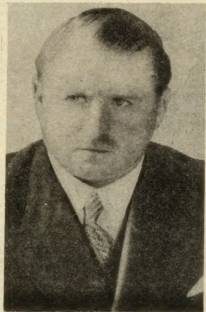
Não tendo recebido qualquer auxílio dos seus aliados ocidentais, a Polónia teria de sucumbir, mais cedo ou mais tarde, ao peso das armas alemãs. Mas o factor russo, embora nessa altura se revelasse de importância secundária sob o ponto de vista militar, contribuiu, pelas suas repercussões, de ordem política e de ordem moral, para apressar a derrota.

A primeira parte da campanha comportou três fases distintas: a fase de fixação (1 a 3 de Setembro), a fase de penetração profunda (4 a 6 de Setembro) e a fase de perseguição (9 a 18 de Setembro). Em cada uma delas os exércitos alemães revelaram uma virtuosidade excepcional para se adaptarem às circunstâncias, não permitindo que o ritmo inicial do ataque abrandasse e prosseguindo, sem interrupção, a execução do seu plano prèviamente estabelecido com todos os pormenores. Perante a inferioridade do comando polaco, o comando alemão revelou uma capacidade de execução digna das melhores tradições do seu Estado Maior. Os executantes puseram, vitoriosamente, à prova a excelência da sua preparação técnica e a sua capacidade para se servirem, com êxito, das armas mais modernas.

**TRÊS FASES SUCESSIVAS**

Primeira fase. De 1 a 3 de Setembro, os alemães realizaram, ao longo do semi-círculo de envolvimento que se estendia entre a Prússia Oriental e a Eslováquia, uma série de ataques frontais coordenados. O exército da Prússia Oriental penetrou até Mlava; o que operava ao longo do Corredor polaco, sob o comando do general von Kluge, depois de ultrapassar a linha Berlim-Varsóvia, encaminhou-se na direcção do curso do Vistula; um terceiro exército, comandado pelo general Blaskovitz, conquistou Czestochova, atravessou o Wartha e chegou a Radomsk; o exército do general von Reichenau deixou Pless para trás e aproximou-se da cidade fortificada de Nicolaï.

A luta tomou, desde logo, as características duma guerra de movimento, cuidadosamente preparada pelo comando alemão. Sem fortificações de valor

O general alemão Von Kluge, comandante do exército alemão que operou ao longo do corredor polaco

Starzinski, governador de Varsóvia

apreciável, sem fôrças motorizadas em quantidade, sem armas anti-carros e desaparecida a sua aviação, o exército polaco teve de aceitar a vontade do inimigo. As frentes que se criaram não eram contínuas; mas em tôdas elas o predomínio dos atacantes se estabeleceu, desde logo, de maneira impressionante.

Segunda fase. Durante os dias 5 e 6 de Setembro, os alemães penetraram rápida e profundamente no interior do território polaco. O Corredor polaco foi totalmente ocupado e a Polónia privada de comunicações marítimas. O baixo Vístula foi atravessado. Os combates atingiam as regiões de Lodz e de Kielce. As fôrças polacas que se tinham concentrado na Posnania ficaram cercadas. A bacia hulheira da Alta Silésia caiu em poder dos atacantes que entraram em Cracóvia. Ao norte e ao sul, começou a desenhar-se a manobra de cêrco que devia liquidar-se com o aniquilamento do exército polaco. As colunas motorizadas alemãs atingiam, ao norte, o curso do Narev e ao sul o Dunayck.

Terceira fase. Entre 9 e 18 de Setembro, as asas da tenaz formada pelo ataque dessas fôrças motorizadas avançaram e iniciaram um movimento convergente. A asa sul foi prolongada pelo exército do general alemão von Lizt que cobriu a fronteira polaco-romena. A ameaça sôbre Varsóvia, visando o aniquilamento do govêrno polaco e da sua autoridade, tornou-se aguda. Um comunicado oficial, não confirmado, chegou a anunciar prematuramente a ocupação da capital da Polónia.

## UM PLANO FRUSTRADO

Em 17 de Setembro, o plano polaco não oferecia qualquer segrêdo. Consistia em cobrir a capital, centro político de resistência, reagrupando as suas fôrças na linha Narev-Bug-Vistula-Dniester. A intervenção dos exércitos soviéticos e a sua progressão rápida frustraram êsse plano. Russos e alemães deram as mãos junto à fronteira romena para evitar a fuga dos contingentes inimigos. Apertados na pinça gigantesca de dezenas de divisões germano-russas os polacos sucumbiram. Aparte os casos isolados de cidades cercadas, o movimento inicial de recuo degenerou em debandada.

Os exemplos heróicos dados pelos defensores de Westerplatte (1 a 8 de Setembro) e da península de Hella (1 a 21 de Setembro) não podiam ter influência na derrota final. Ainda assim, os alemães, na última quinzena de Setembro, tiveram que dominar três núcleos de resistência onde as virtudes militares do soldado polaco se afirmaram corajosamente. As divisões cercadas na região de Lodz-Kutuo, só puderam ser completamente dominadas depois duma acção destruidora da arma aérea alemã. A infantaria, que se defendera corajosamente, sucumbiu aos ataques implacáveis dos aviões de bombardeamento germânico em vôo picado. Êste episódio, revelador da decisão e da bravura dos vencidos, ficou conhecido pela designação de batalha do Bzura. A praça forte de Modlin, cercada e condenada, adiou o momento da capitulação enquanto lhe chegaram notícias de que o govêrno continuava a resistência. Por último, a capital do país suportou um cêrco infernal que durou mais de duas semanas.

## A DEFESA DE VARSÓVIA

No dia 1 de Setembro, às 6 e 30 da manhã, Varsóvia sofreu o primeiro e intenso bombardeamento aéreo. A partir dêsse momento, os bombardeamentos da aviação e da artilharia alemã sucederam-se, ininterruptamente, ao longo dos 28 dias que a cidade resistiu.

O general alemão Von Fritsch morto na campanha da Polónia

O comandante da heróica guarnição de Westerplatte

Após a rendição, a bandeira alemã é hasteada na fortaleza de Westerplatte.

Em 8 de Setembro, o comandante militar, general Czuma, dirigiu-se aos habitantes anunciando-lhes que a capital não seria considerada cidade aberta e que a defenderia até ao extremo limite das suas fôrças. Ferido pouco tempo depois, o general Czuma foi substituído pelo seu camarada Rommel, que chegara à cidade comandando as tropas que tinham abandonado Lowicz. O governador civil, Stefan Starzinski, pôs-se à disposição do comando militar e animou, durante todo o período da luta, com o seu próprio exemplo, a população.

Os bombardeamentos aéreos tornaram-se mais intensos à medida que os alemães se aproximavam da cidade. Desde 5 de Setembro, os habitantes de Varsóvia começaram a ouvir troar a artilharia pesada.

Em 14, a capital estava completamente cercada enquanto, por tôda a parte, os exércitos polacos batiam em retirada. A cidade, privada de qualquer auxílio ou abastecimento vindos do exterior, recusava a rendição. Nos arredores começaram a travar-se combates ferozes. A população civil secundava as autoridades militares, procurando diminuir os efeitos trágicos dos bombardeamentos que semeavam ruínas e propagavam incêndios.

Em 22, os alemães iniciaram o assalto geral. Dos arredores, os combates, duma violência crescente, transferiram-se para os bairros excêntricos, que começaram a ser ocupados. Durante três dias a aviação alemã não deixou um instante de voar sôbre a cidade. Em 15, a maior parte dos bairros interiores estava transformada num montão de ruínas fumegantes. Por tôda a parte centenas de incêndios propalavam o pânico. Era impossível combatê-los. A água faltava para as necessidades mais urgentes. As canalizações tinham sido sistemàticamente destruídas. Os depósitos de víveres estavam vasios. As munições tinham-se esgotado.

Uma testemunha dêsse episódio dramático da luta conta como se deu a rendição:

«Quando um ente querido está condenado, a família prepara-se para o pior. Mas se chega a notícia terrível, a cabeça, inerte, cai e parece que um raio fulminou os que já estavam preparados. Foi isso que aconteceu em Varsóvia. Ninguém ignorava que o momento da terrível decisão havia de chegar e que a rendição, adiada por alguns dias, era inevitável.

«Ao receber a primeira notícia, dirigi-me ao local onde estava o general Rommel. Encontrei-o calmo e melancólico. Disse-me que aquela gente tinha sofrido bastante e que a decisão se impusera ao seu espírito. Nas paredes, as proclamações do general e do governador Starzinski confirmavam a notícia. Nas faces das mulheres, extenuadas pela fome e pelo terror, corriam lágrimas. Mas o povo não cedeu à agitação revolucionária e, até final, deu um exemplo viril de compostura e de dignidade cívica.»



Na frente de Varsóvia encontrou a morte uma figura eminente do exército alemão, o general Von Fritsch. Antigo chefe do Estado Maior, conhecido em tôda a Europa pela sua excepcional competência profissional, fôra reformado no comêço de 1936 com outros camaradas seus, sob a suspeita de não apoiar, com a desejada energia, a política externa do govêrno. As causas da morte do general von Fritsch, a quem foram feitos funerais nacionais, nunca foram completamente esclarecidas.

**(Continua)**



O general Reichenau

O general Blaskowitz, comandante do 3.° exército alemão que invadiu a Polónia

# VARIEDADES

## PESSOAS EXTRAORDINARIAS

As duas fotografias que publicamos acima foram tiradas na mesma terra e pelo mesmo fotógrafo. Representam duas crianças extraordinàriamente parecidas. A de cima é de Henry Ecarl Duncan e foi tirada em 1912 — tinha êle dez meses. A de baixo é de seu filho Thomas Reed Duncan. Tinha na altura também 10 meses e foi tirada em 1940. As duas fotos foram agora reproduzidas nos jornais da Califórnia. Porquê? É que estas duas pessoas tão parecidas fìsicamente morreram no mesmo dia: o pai com 30 anos e o filho com 2.

## PALAVRAS CRUZADAS

**Problema n.º 2**

*HORIZONTAIS: 1 — Guitarra; A vida. 2 — Interj. (de dor); Indivíduo que é bom trunfo; A mulher acusada em juízo; Supôr. 3 — Cacête; Molestia dos folículos sebáceos da pele. 4 — Palusca; Pedaço de muro alto. 5 — Emprêsa arriscada; Imaginar; Ponta da vêrga. 6 — Pia de porcos. 7 — Fôrça muscular. 8 — Investigação. 9 — Amanhã; Antiga moeda oriental; Forasteiro. 10 — Honraria; Lisonjeia. 11 — Ingreme; Título dos descendentes de Mafoma. 12 — Glosa; Pois; Pref. (à roda); Interj. (exprime repugnância). 13 — Viver na solidão; Inquietar.*

*VERTICAIS: 1 — Escadote; Fumo. 2 — Grito de dor; A consciência; Pópa; Depois disso. 3 — Escárneo; Fora. 4 — Libertino; Monograma. 5 — Risca; Defeito; Cultivar. 6 — Barranco (plur.). 7 — Homem douto. 8 — Produto. 9 — Inferno; Deusa maléfica; Apetecer. 10 — Maduro; Quarta e meia de grãos. 11 — Casta desprezível entre os japoneses; Provir. 12 — Interj. (designativa de espanto); Vinho francês; Único; Nota musical. 13 — Ilha fronteira à Ionia, onde Juno era adorado; Faina.*

**Solução do problema n.º 1**

HORIZONTAIS: 2 — Fez. 4 — Aro. 5 — Iva. 6 — Saira. 8 — Siso. 11 — Brim. 15 — Birica. 16 — Gaitar. 17 — Como. 19 — Coar. 20 — Soiao. 23 — Par. 24 — Imã. 25 — Sol.
VERTICAIS: 1 — Cerviz. 2 — Faia. 3 — Zoar. 6 — Socos. 7 — Abaco. 8 — Sic. 9 — Iro. 10 — Sim. 12 — Rio. 13 — Ita. 14 — Mar. 18 — Clamor. 21 — Opis. 22 — Arai.



# Problemas de memória

Resolva, «de cabeça», sem auxílio de lápis e papel, os problemas que, a seguir, lhe apresentamos. Pelo tempo que levar a encontrar a solução e pela sua exatidão, poderá fazer uma ideia do que valem os seus conhecimentos de matemática e, sobretudo, do que vale a sua memória.

1 — Quais são os três números cujo produto é igual à sua soma?

2 — Dois ciclistas vão a caminhar numa estrada recta, em sentidos opostos, e andam à razão de 24 quilómetros à hora. Quando a distância entre os dois é de 48 quilómetros, uma mosca que vai poisada numa das bicicletas voa em direcção à outra. Ao chegar a esta, empreende um vôo de regresso até à primeira. Depois, volta novamente a voar para a segunda e assim sucessivamente, voando de uma para outra, até que as duas bicicletas se encontram. A mosca voa à razão de 32 quilómetros por hora. Qual é a distância total que percorre?

3 — Um operário sai de casa para a oficina que fica ao fim da estrada que passa na sua casa e gasta para chegar lá uma hora e vinte minutos. Da oficina a casa, regressa pelo mesmo caminho, pela mesma estrada. Não anda mais depressa do que à ida; no entanto, para voltar, gasta 80 minutos. Porquê?

4 — Até que ponto pode um cão entrar por uma porta semi-cerrada?

5 — Suponha que está numa sala de sua casa com cinco amigos seus e que tem cinco maçãs numa cesta. Como pode V. repartir as maçãs pelos seus cinco amigos, de modo que a cada um caiba uma, e fique ainda uma na cesta?

**(Vêr no próximo número a decifração dêstes problemas)**

## UM ÁCIDO "ELIXIR DA VIDA"

A sombra de Jean Nicot, senhor de Willemain, estará muito breve, sem dúvida, nas salas de jantar. Êste aplicado cortezão francês do século XVI obteve algumas sementes de tabaco das mãos dum viajante holandês, sementes que introduziu na Europa e, com elas, uma droga sumamente venenosa: a nicotina, nome derivado do apelido do senhor de Willemain.

Cêrca de dois séculos e meio mais tarde, um químico alemão extraíu daquela substância mortal um ácido que não se soube para que podia servir, e que durante setenta anos continuou a ser uma simples curiosidade

Há cinco anos, êsse ácido reapareceu de repente, tirado do pó do esquecimento, e converteu-se num verdadeiro «elixir da vida» para centenas de milhar de sêres humanos, podendo acontecer que chegue a ser o principal meio de proporcionar energia a muitos milhões de indivíduos, coisa muito necessária na crise mundial que atravessamos.

O tratamento que hoje se aplica contra as doenças do aparelho digestivo, empregando o ácido nicotínico, dá resultados surpreendentes, a tal ponto que quando não se consegue curar um doente os médicos dizem que isso se deve ao facto da doença estar sem dúvida complicada com qualquer outra enfermidade. Nos casos mentais, quando os demais tratamentos falham, é já uma prática estabelecida o emprêgo de doses de ácido nicotínico, com o qual nunca se obtêm resultados prejudiciais, conseguindo-se, pelo contrário, muito amiúde, apreciável melhoria dos enfêrmos.

A natureza oferece-nos êste produto no fígado, no salmão, no coelho, na carne fresca, no «corned beef», carne magra de porco, no frango, no sôro da manteiga, na gema de ovo, no leite desnatado, no robalo, nas ervilhas frescas, nos nabos, no sumo de tomate, nos espinafres e na mostarda (fruto fresco). Como acontece com muitos tipos de vitaminas B, às quais pertence o ácido nicotínico, a gema de ovo constitue uma das fontes mais abundantes do mesmo.

A quantidade de ácido nicotínico que se recomenda acrescentar ao pão para o «fortificar» é tão pequena que sem dúvida não afectará o seu gôsto nem a sua côr. E, comendo-o, tôda a gente será forte.

## UMA EXPLICAÇÃO COMPLICADA

*Por Stuart Carvalhais*

— Isto da guerra na China é um bocado complicado. Mas eu explico-te: As tropas do general Lim-Po-Po receberam reforços e atacaram o exército japonês de Arakoro que teve de fazer o «arakiri»...

— ... Entretanto, no sul, o general Xim-Ta-Xim subiu o rio Amarelo, mas viu-se azul para se reúnir às tropas do seu camarada, o general Xa-Ladi-Nho. O Lim-Po-Po continuava na ofensiva...

— ... Num movimento envolvente, o Xa-Ladi-Nho foi cair sôbre as fôrças blindadas do general Ko-Va que protegia a rectaguarda do Arakoro. O Xa-Va não teve remédio senão «cavar» para Xim-Pum...

— Como vês, isto está a andar bem. O que resta saber é se o Xa-Va oferecerá resistência na bôlsa de Xim-Pum. Mas estou convencido que o Xa-Ladi-Nho e o Lim-Po-Po lhe limpam a bôlsa.

# Vida PORTUGUESA

**NA FACULDADE DE ENGENHARIA DO PÔRTO**, inaugurou-se, há dias, uma exposição fotográfica de arquitectura escolar e universitária britânica. No acto inaugural, fêz uma conferência o sr. Hawkins, director da Escola Britânica no Pôrto. Em cima, Astra Desmond assinando o livro de honra da exposição; e um aspecto da assistência à sessão.

**A DR.ª D. ADELAIDE FÉLIX** fazendo, no Clube Fenianos, a convite da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, a sua conferência sôbre assuntos médicos.

**O SR. MINISTRO DA FRANÇA** na inauguração da exposição de gravura francesa moderna, que abriu há dias e está patente ao público no Museu de Arte Contemporânea.

# A NOSSA CAPA

## OS GRANDES VALORES NACIONAIS

### 1 — Mestre Viana da Mota

J. Viana da Mota nasceu em 22 de Abril de 1868.

Seu pai tinha tanta paixão pela música, que disse quando casou: «O primeiro filho que tiver há-de ser músico».

Aos 5 anos começou a notar disposições musicais no seu filho. Ensinou-lhe os primeiros elementos de leitura musical e comprou-lhe um pequeno harmónio onde o futuro artista improvisava.

Aos 7 anos foi apresentado a D. Fernando e à Sr.ª Condessa d'Edla, que se interessaram por êle, enviando-o, em 1882, com 14 anos de idade, para Berlim afim de continuar ali os seus estudos com o professor Scharwenka recomendado pela grande pianista Sofia Menter, que o tinha ouvido quando veio a Lisboa.

Os seus primeiros professores foram em piano, Joaquim de Azevedo Madeira, pedagogo muito apreciado naquele tempo, e Freitas Gazul, o distinto compositor, em harmonia. Fêz o curso do Conservatório (que então era de 7 anos), em 6, tendo-o terminado aos 13 anos.

Em 1885 (portanto com 17 anos) passou o verão em Weimar estudando com Liszt. Deu em Outubro dêsse ano o seu primeiro concêrto em Berlim, com orquestra. Estudou ainda dois anos com Karl Schäffer; em 1887, freqüentou o curso de Hans von Bülow, e começou as suas «tournées» que o levaram à Dinamarca, Rússia, França, Inglaterra, Espanha, Itália e às duas Américas. Em Buenos-Aires, deu uma série de 9 concêrtos históricos, nos quais executou 128 peças de compositores do século XVI até à actualidade. Em Lisboa, no ano do primeiro centenário da morte de Beethoven (1927) deu a 1.ª audição integral em Portugal das 32 Sonatas do mestre, assim como da música de câmara com piano. No último dia dêsses concêrtos, recebeu do ministro da Instrução da Prússia um telegrama de saudação no qual se dizia: «A sua actividade artística perdura na Alemanha com as melhores recordações».

A Emissora de Berlim pediu à nossa Emissora o envio de obras suas, nomeadamente da sua Sinfonia, para serem executadas numa sessão de homenagem.

Em 1927, foi convidado a representar Portugal no Congresso em Viena, onde fêz uma comunicação sobre «Beethoven em Portugal». Quando a Associação dos Músicos alemães soube que Viana da Mota se encontrava na Alemanha convidou-o a tomar parte nos concêrtos com que essa Associação celebrava o centenário de Beethoven em Koblenz.

Tendo sido aposentado do seu cargo de director e professor do Conservatório Nacional em 1938, por ter atingido o limite da idade, foi nessa ocasião promovido pelo Presidente da República Portuguesa ao grau de Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago. É o primeiro músico português que possue êsse grau daquela ordem.

Das suas composições destaquemos uma Sinfonia dedicada «à Pátria», «Cenas nas montanhas», para quarteto de arco, peças para piano e para canto e piano. Publicou também edições revistas e comentadas de diferentes obras clássicas e de estudos. De obras literárias, publicou em alemão: «Esbôço crítico-histórico da forma do Concêrto para piano com orquestra», além de artigos em revistas de vários países.

Dêstes artigos acaba de ser publicada pelo Instituto alemão de Coimbra uma colectânea em português, precedida de breves recordações da vida musical na Alemanha de 1882 a 1914 — período durante o qual o autor teve residência quási permanente na Alemanha.



# PANORAMA INTERNACIONAL

# "TANKS" NO DESERTO

Por FRANCISCO VELLOSO (Continuação da pág. 8)

com a Alemanha é impossível e incompatível com a independência dos Estados. O *Svenska Dagbladet* de Estocolmo ressentiu-se dêste aviso: «Queiram ou não queiram os alemães, devem cuidar da impressão que podem fazer nas pequenas nações. Sabíamos há muito tempo que a nacionalidade domina a economia da liberdade individual e do govêrno democrático. Mas agora vêm dizer-nos abertamente que esta Ordem Económica da Europa é incompatível com a continuação da existência dos países não alemães como Estados independentes». Quem está, porém, dentro da lógica do imperativo rácico alemão é Seiss-Inquart. A *Nova Ordem* ou é o que êle diz, ou não pode estabelecer-se, porque ela tem de ser ùnicamente uma Sociedade de Nações sob a natural condução do Estado vitorioso e económicamente mais forte numa Europa devastada — a Alemanha de Hitler. Os equilíbrios só complicam as coisas. E os retardamentos agravam-nas. O rei Gustavo da Suécia já o compreendeu. A manobra alemã parece modificada nas suas fases por fôrça das circunstâncias, mas os seus objectivos permanecem. O caso actual que se debate na Líbia prova ainda que ela está em marcha.

#### UMA REACÇÃO A TEMPO

No dia 16, anunciara-se a criação de um novo exército no Cairo para combates que previam lá para a primavera. Um gesto de Vichy na sua política de aproximação com Berlim, precipitou os acontecimentos.

DARLAN

O almirante Cunningham andava escumando no Mediterrâneo os reforços que eram levados ao exército de Rommel no norte de África quer da Sicília quer por águas francesas. A entrada em fogo da esquadra americana no Atlântico proporcionará à Inglaterra derivar para o Mediterrâneo novas unidades. Assim o almirante pôs em risco os abastecimentos inimigos.

Quando depois das últimas conferência entre Darlan e Abbetz, se reataram as negociações para dar nó ao tratado da paz (?) com a Alemanha, Berlim evidentemente pediu as garantias do Norte de África, onde Nogués e Weygand se mantinham dentro da regra de conservarem livre *de todos os inimigos* os territórios. O general Huntziger verificou-o na sua viagem e vinha dizer que não devia contar-se com transigências em Marrocos, na Argélia e na Tunísia, quando um desastre no avião que o trazia, o matou. Mas a Alemanha sabia muito bem donde partia a resistência. Weygand foi chamado a título de substituir aquele general no ministério da guerra — e perdeu-se. Darlan estorcegou-o com brusca reforma.

Desde então, Darlan podia ofertar a Abbetz o apoio da esquadra e de Bizerta, que Cunningham receava. Em Berlim, segundo telegrama do dia 18 alardeava-se «um melhoramento nas relações franco-alemãs». Londres olhou para o relógio. A Alemanha tomara-lhe a dianteira. A reacção era inadiável. Os Estados Unidos cortaram as comunicações económicas com a África francesa do norte e, ocupando a Guiana Holandesa para defesa das minas de bauxite, já reconheceram também o govêrno exilado de De Gaulle para o efeito de beneficiar da lei de empréstimo e arrendamente, caminho para a ocupação da Martinica, onde está parte do ouro do Banco de França.

A 19, as tropas de Cunningham passavam à ofensiva — única maneira de deter a descida alemã sôbre Tunes, Orão e Bizerta.

E do resultado desta batalha — para revertermos ao ponto de partida desta crónica — talvez dependa para a Inglaterra grande parte do domínio do Mediterrâneo, a possibilidades de ataques à Itália, e para o Terceiro Reich, a própria *Nova Ordem*, — saída duma conferência europeia em Viena para a qual, diz-se já foram feitos convites ...de sondagem. Assim os factos destróem como ventos enlouquecidos, os melhores cálculos dos estadistas.




Vida MUNDIAL Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Garrett, 80, 2.º—Lisboa—Tel. 25844

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

Visado pela Comissão de Censura

# Imagens da ITALIA na guerra

**TROPAS ITALIANAS** combatendo na planície russa coberta de neve. Damos nesta página algumas fotos obtidas recentemente nas primeiras linhas da frente de batalha, durante a preparação dum ataque contra as linhas russas.

O CHEFE DO ESTADO colocando um ramo de flores no monumento aos Restauradores no dia 1.º de Dezembro, quando das cerimónias que ali se efectuaram

O SR. PROF. MARCELO CAETANO entregando um guião à Mocidade Portuguesa, durante as festas comemorativas da Restauração de Portugal.

# Reforços para Tobruk

SABE-SE AGORA QUE UMA DIVISÃO DE TROPAS POLACAS assegurou, antes da ofensiva do general Cunningham na Cirenaica, e durante algum tempo a heróica defesa de Tobruk. Damos nesta página dois aspectos do embarque dessas fôrças dum pôrto do Egipto para aquela praça forte da Líbia.

EM CIMA: O GENERAL AUCHINLECK inspeccionando as fôrças do 8.° exército britânico antes da ofensiva. A seu lado, vêem-se alguns oficiais do Estado Maior inglês e o ministro do govêrno britânico Oliver Lyttleton (à esquerda, em trajo civil).

# A Embaixada de Espanha

**O SR. EMBAIXADOR DE ESPANHA** fotografado especialmente para a «Vida Mundial Ilustrada» no seu sumptuoso gabinete de trabalho.

# No palacio Marquês da Fronteira

**INSTALADA NO ANTIGO PALÁCIO DE PALHAVÃ**, a Embaixada da Espanha em Lisboa é um repositório de maravilhas que o espírito culto e distinto do embaixador, sr. D. Nicolau Franco, tem valorizado extraordinàriamente com o seu bom gôsto e o seu carinho pelas obras de arte.

**DAMOS NESTA PÁGINA** alguns aspectos exteriores do Palácio da Embaixada. Em cima, a fachada e o portão da entrada; à esquerda o pátio nobre que dá acesso ao Palácio e aos jardins; em baixo, dois recantos dos formosos jardins da Embaixada guarnecidos por belas fontes artísticas, entre as quais a de Bernini.

À ESQUERDA: O Salão Vermelho de Recepções da Embaixada de Espanha, guarnecido de preciosas telas espanholas, estava destinado a servir de Sala do Trono, quando da esperada visita do Rei de Espanha a Portugal. EM BAIXO: A Galeria das Princesas de Espanha, formoso átrio, na entrada principal da Embaixada, guarnecido com painéis de belos azulejos.

EM BAIXO, à esquerda — O gabinete de trabalho do sr. embaixador, cujas paredes estão revestidas de preciosos tapetes da Real Fábrica de Espanha. À direita — Um aspecto de aposentos particulares do sr. D. Nicolau Franco, decorado em estilo moderno, muito elegante e sóbrio.

# na Frente Oriental

**FÔRÇAS DE INFANTARIA ALEMÃ** e de «tanks» entram nas ruas de Kalinine, cobertas de neve.

**O REI DA ROMÉNIA** condecorando um regimento que se distinguiu

**MATERIAL DE GUERRA RUSSO** que nunca chegou a entrar em combate, inutilizado pelos bombardeamentos aéreos.

**O REI MIGUEL**, a rainha mãe e o Primeiro Ministro Antonesco assistem a um desfile de tropas nas ruas de Bucareste.

**POR TÔDA A PARTE** onde os russos foram obrigados a retirar, ficam no campo de batalha veículos de todos os feitios e aplicações.

# Um sonho desfeito

Novela por **Mário Barros**

VINTE anos não chegaram para afazer ao amor a alma daquela mulher, que Júlio conhecera no desabrochar da vida. Tinha ela quinze anos! Madalena era então uma flor da beleza — segura promessa do que havia de ser depois. E, de dia para dia, os encantos tomavam-na tôda para a tornarem uma das mais cortejadas raparigas do seu tempo.

A sua inocência — cofre fechado em coração rescendendo candura — tinha uma graça especial e, muitas vezes, desorientada, por não se poder conceber que aqueles quinze anos frescos e lindos como a primavera, pudessem ignorar da vida o que à vida de certas mulheres dá um apetitoso picante, que as torna encantadoras!

Olhava-se para ela e fazia pena dizer-lhe mais alguma coisa do que chamar-lhe bela. Temia-se que o grão de areia dum gracejo riscasse o cristal daquela alma.

Inocência irradiante a impor respeito em tudo!

Júlio queria-lhe como às meninas dos seus olhos. Amava-a. Adorava-a. Apaixonara-se por ela. Disse-lho uma vez, e outra, e mais outra, e muitas vezes. E ela escudava-se com a sua pouca idade e chegou a dizer-lhe que não compreendia e por isso não podia sentir o amor.

— E afinal — preguntava — o que é o Amor?

Júlio deu-lhe uma definição a propósito. Vendo mais o seu caso do que o caso geral. Procurou acender na capela fechada daquele peito inocente a luz votiva da sua paixão.

Não conseguiu! Ia ver — dizia ela. Havia de falar com a avó para que lhe explicasse melhor as coisas. E, sobretudo, ver se ela a ensinava a sentir amor por alguém, a querer... Por enquanto não percebia nada. Apetecia-lhe brincar, correr, saltar, vestir as suas bonecas.

E os encantos — tão pródigo é Deus para certas mulheres — enchiam-na tôda! Não havia mais que se pusessem em tão rara beleza.

Madalena nascera num dia que a tradição popular, no seu eterno pitoresco consagra à mentira. E êste ferrete havia de ter nela uma certa influência.

Passaram-se anos. Não arrefeceu a paixão de Júlio, que não via outra coisa na vida. E a inocência de Madalena continuava a ser cristal translúcido que nada embaciava.

Um dia disse ao Júlio que já sabia o que era o amor, mas tinha medo de aventurar o seu coração nessa encantadora viagem, donde às vezes — acrescentava ela — se volta com a alma desiludida para todo o sempre.

Era uma razão. Júlio procurou persuadi-la da inanidade do motivo posto com tanta argúcia e... não conseguiu.

É que junto da pomba que aquele peito guardava, como símbolo de pureza, vivia uma víbora a babar venenosa perfídia. E o cofre sagrado, que tão avaramente guardava, escancarava-o ela para dêle sacar o ouro luzente da virtude e com êle fazer valer a sua fatal beleza!

Saber-se que a inocência não é bem aquilo que a convenção dita... E que a candura vive paredes meias com a graça de ser pura. E que a pureza é como a água cristalina que brota de penhascos cobertos de limos, negros, polidos pelo passar constante da linfa, que vai dessedentar tanta gente...

E basta que se desprenda um torrãozinho de lama para a água se turvar... E êsse torrãozinho de lama havia-se desprendido já, quando Madalena completou os seus dezoito anos!

Cautelosa como pérfida, não deixou transparecer a infelicidade que a tolhera. E o ouro da sua virtude — da sua incontestável virtude — era a moeda que batia para valorizar os seus encantos e afirmar a virgindade do seu corpo, onde Deus havia posto graças sem par.

Procurou uma solução para o seu caso. A situação era grave, se bem que não houvesse conseqüências aparentes. O mundo não podia saber nunca do drama da sua alma... O seu sorriso era puro, o seu olhar cristalino, o seu coração o mesmo, a sua alma... Mas ninguém lhe via a alma!

E era-lhe fácil iludir. Tão fácil! Quem poderia adivinhar? Êle? Êle nada diria. Os dois tinham entrado no parque, onde estava tanta gente... Haviam-se perdido num bosque de árvores seculares. Saíram por outra porta. Separaram-se. Quem poderia saber dessa hora de amor? Ninguém.

Depois disto, era preciso condicionar a sua vida. Precisava casar-se. Mas com o Júlio nunca! Tanto havia defendido a sua virtude que não queria, por coisa alguma, ligar-se a êsse homem que veria a suas leviandades e conheceria tôda a negrura da sua alma. Com o Júlio, nunca!

Mas com quem havia de ser?

Era forçoso realizar êste acto da sua vida de mulher, pois não queria ficar eternamente prêsa à falsidade da sua virtude.

Fingiu que casou! Foi a maneira. Um dia participou a tôda a gente e tôda a gente se convenceu.

A Madalena, uma virtuosa rapariga. Sempre com a avó. Educação austera. Hábitos patriarcais. Missa todos os domingos. Confissão e comunhão freqüentes. Ia ser feliz a Madalena, que soubera defender a graça de ser pura dêsses maus homens que para aí andam à caça de meninas que sejam espelho de altas e preclaras virtudes.

Mesmo assim, mesmo com esta mancebia, Reinaldo, que supunha ter inspirado uma paixão e obrigado uma mulher a dar um mau passo, mesmo assim, esvaído o deslumbramento duma posse que a ela recordava vagamente a primeira — a primeira! — Reinaldo revoltou-se contra a maldade de Madalena e não sossegou enquanto não apanhou um pretexto para se desembaraçar dessa virtuosa menina que uma paixão ardente levara a êsse pecado de amor.

Júlio seguia de longe a tragédia destas vidas. Sabia tudo. Queria confundi-la um dia. Não tinha pressa. A paixão dominava-o ainda. Era-lhe tormento e dôr. Se bem que não valia a pena. Mas era assim. Que fazer?

Madalena viu-se só e embaraçada para explicar o incidente que se dera. O primeiro — o que havia quebrado o cristal daquela candura feita broquel — êsse confundira-se na multidão dos muitos sedutores que por aí andam. Aquela hora de amor custara-lhe tudo e deixara-lhe o amargor das coisas que se não devem fazer.

Era-lhe estigma!

Porquê? Porque ela procurava-o por tôda a parte, como que a exigir-lhe a reparação duma falta de que não era culpado...

Muitas vezes chegaram a trocar explicações violentas, mas Madalena nunca logrou o seu propósito.

Era uma derrota.

A derrota — essa — não a suportava. Havia de vencer! Mas como?

Quão difícil iria ser esta vitória para uma mulher que não tinha sensibilidade e nada conhecia da ternura — daquilo que enche as almas de encanto. O seu caso era, acima de tudo, um caso de exacerbação de sentidos, aliado a um desmedido interêsse de viver feliz na vida que ela começara de forma tão estranha.

Dois homens conhecera já! O que ia ser o futuro? Talvez preocupação. Mas não a amedrontava.

Como conjurar a situação? O Reinaldo não lhe interessava e a êsse nunca se baixaria. E o Júlio? Talvez fôsse solução. Não sabia da sua vida. Julgava-a pura como os anjos. Afastara-o quando o seu orgulho de virgem o podia fazer. Tinha ainda os mesmos encantos. Êle adorava-a. A sua paixão decerto não morrera... Soubera fasciná-lo... Seria, pois, o Júlio o homem que havia de lhe encher a alma e os sentidos.

Foi-lhe fácil a emprêsa. Aquele amor, que o fizera um escravo dos seus caprichos e das suas vontades, era ainda o mesmo. Ardia como fogueira alta e ela saberia erguê-la mais. E foi para êle. Lamentou a sua desdita. Disse-lhe da sua desorientação na vida. Que, realmente, a fôrça das circunstâncias a tinha empurrado para o que ela não queria a todo o transe. Desvairara. Deixara-se ir numa fácil sedução que era agora o seu martírio de alma, talvez o remorso, talvez a sua expiação. Não o fizera por mal, pois em tanto tinha aquele amor — o único — que sentia encher-lhe o coração.

Ali estava para o que êle quisesse. Para tudo... O destino funde, às vezes, as almas que um dia se dispersaram. Chegara a sua grande hora. Amava-o com tôda a sua loucura de amar... e seria dêle, quando êle quisesse...

Nem um passo só Júlio ignorava da vida de Madalena. Tinha-a tôda, ali, escrita num diário, fechado no seu cofre.

Êste encontro encheu-o de mágoa. E não lhe queria a verdade do seu sentir.

Madalena infundia-lhe dó! Um profundíssimo dó! Mas êle que a amava, a-pesar-de tudo, não tinha o direito de a humilhar e de lhe dizer na cara tôda a sua perfídia. Antes quis ser para ela o amigo de sempre. Aconselhou-a. Fêz quando pôde para esconder a dôr que o avassalava.

— Já me não amas? — perguntava-lhe numa excitação desconforme.

— Com o mesmo amor, Madalena! — respondeu-lhe serenamente.

— Mas não me queres?

— Tanto quanto se pode querer à vida...

— Não vejo...

— Um dia verás, minha querida, um dia verás...

Madalena forçou mais a nota... Procurava ler no fundo daquela alma boa que, a seu ver, escondia qualquer coisa. Foi às últimas.

— Pois se não me queres agora nunca mais te darei o direito de pensares em mim! Recuas diante da maior prova de amor que uma mulher pode dar ao homem que ama... Não venho oferecer-me, venho dar-me tôda! Quebro, assim, orgulho e dignidade e desprezo preconceitos, sacrifico a virtude que tenho conservado intacta para que tu e só tu aspires o seu perfume e me leves contigo...

Júlio sorriu para disfarçar a amargura que lhe enchia o coração. Dominava-se, constrangia-se... Até que, com falsa serenidade, contrapôs:

— À tua heroicidade oponho esta covardia que vês... Quando o meu coração andou na conquista do teu e porfiou por ti, pelos teus encantos, pelo teu amor, só mentira e dissimulação encontrei nas tuas atitudes... Quando quis a tua alma, pensaste que desejava o teu corpo... Quando sonhei com a tua beleza, achaste-me indigno dela, agora...

— Agora, o quê?

— Agora, Madalena, não te mereço! Sinto que não te mereço. E depois para que vens sacrificar-me sentimentos que tu...

Aqui tôda a verdade da situação afluiu à garganta de Júlio e quási ia dizê-la, mas voltou a dominar-se, para rematar:

— ...que tu terás ensejo de ver apreciados por quem valha no teu coração mais do que eu!

— E não me dás uma esperança? — preguntou-lhe, num crescendo de nervosismo, tomando-lhe os ombros, de olhos nos olhos.

— Tanta como aquela que me deste quando tinhas dezoito anos... — respondeu-lhe Júlio com firmeza.

— Se não me decidira por ninguém Se o amor para mim era um sentimento desconhecido... Se eu não sentia nada, como querias que alentasse a tua esperança?

Júlio sofria atrozmente por não querer dizer àquela mulher, que tanto amava, afinal, tudo o que lhe enchia a alma. Vaga que subia no seu peito e o sufocava e punha na doçura dos seus olhos azuis uma tristeza de círio a consumir-se.

Não sabia se havia de ter dó se repulsa por esta criaturinha de Deus que só mentia. Mentia sempre!

Até que ela resolveu sair, deixá-lo só.

— Peço-te, Júlio, que não digas a ninguém, o que se passou nesta hora triste da nossa vida...

— Saberei calar. Fica tranqüila. Eu sei de muitos segredos que talvez venham a morrer comigo...

— Quanto te agradeço... quanto te agradeço... — disse-lhe, reprimindo um soluço.

Madalena aproximou-se de Júlio, procurou as suas mãos, apertou-as nas dela. Puxou-o e um grande beijo uniu aquelas bocas!

— Adeus!

E Madalena fugiu-lhe dos braços.

Correu a chamá-la, mas o carro que a levava ia já longe.

— Madalena!

E afundou-se, a chorar, no «maple» do seu escritório.

Era ainda o mesmo amor!

Passou-se tempo. Quási vinte anos decorridos. Júlio tinha sempre notícias dela. Não a vigiava. Sabia. Madalena escolhera-o para solução duma vida, cuja linha quebrara desde a hora em que se deixou seduzir. Quando se encontraram, não foi o amor a impeli-la. Foi o cálculo duma situação que lhe seria agradável e ela saberia brincar com êle, como as crianças brincam com os fantoches. Júlio sentia que assim havia de ser e recusou como um herói aquele amor fementido, aquela inocência turvada, aquela virtude falsa.

Fêz bem? Fêz mal?

Porque é que vinte anos não chegam para erguer um grande amor?

Alma mergulhada em perfídia, guardava-o sempre para fazer dêle o último reduto duma vida dissoluta.

Até que... Até que Madalena, que foi descendo sempre, embora mantivesse aquela «patine» de virtude, de que tanto se aproveitava, veio a saber que Júlio conhecia tôda a sua história. Desde a mentira do casamento até às inúmeras transigências do seu corpo com êste e com aquêle. Sabia dos seus amantes. Conhecia-os.

Foi então que ela perdeu a esperança de iludir o homem que a vira desabrochar em graça e beleza e lhe dissera do seu amor, quando os seus quinze anos era uma rosa em botão.

E Júlio tinha dó dessa rapariga que se deixara levar pelo seu instinto e fizera da virtude moeda de ouro, para fazer valer a sua beleza!

Passaram vinte anos! Madalena é hoje uma mulher qualquer. Júlio vive na recordação dêste amor — do amor que desperdiçou com quem nunca compreendeu que amar é ter na alma a luz da vida.

**MARINHEIROS FRANCESES** das «fôrças livres», que constituem a equipagem dum submarino ao serviço da Armada britânica, festejam, à sua chegada a um pôrto inglês, o êxito da sua viagem, tanto mais que, impossibilitados, a certa altura, de submergir, tiveram de se manter à superfície, sustentando combates a tiro de canhão com um combóio inimigo, que dispersaram.